



O EMPODERAMENTO FEMININO NOS DESENHOS ANIMADOS DE CINEMA DO SÉCULO XXI

FEMALE EMPOWERMENT IN 21st CENTURY CINEMA CARTOONS

Carla Borges de Andrade. Professora Adjunta (UEFS). Doutora em Educação (UFBA).
Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade (UEFS). Líder NUPEFES (UEFS).

cbandrade@uefs.br

Ivanilde Guedes de Mattos. Professora Adjunta (UEFS). Doutora em Educação e
Contemporaneidade (UNEB). Coordenadora da Marcha do Empoderamento Crespo.
Líder FIRMINA (UEFS).

igmattos@uefs.br

Suzana Alves Nogueira Souza. Professora Titular (UEFS). Doutora em Educação
(UFBA). Mestre em Educação (UFBA). Líder NUPEFES (UEFS).

sansouza@uefs.br

Amanda Leite Novaes. Professora Assistente (UEFS). Mestre em Educação (UFBA).
Líder NIEPEXES/UEFS.

alnovaes@uefs.br

RESUMO

O empoderamento feminino tem sido um dos temas mais evidenciados na contemporaneidade, e o cinema tem abordado a temática em suas produções de animação rompendo com ideologias e tradições culturais que protagonizavam os homens como heróis poderosos e relegavam às mulheres a condição de coadjuvantes. Nosso objetivo neste estudo

ABSTRACT

Female empowerment has been one of the most evolved themes in contemporary times, and cinema has approached the theme in its productions of animation breaking with cultural ideologies and traditions that were protagonists of men as powerful heroes and relegated to the women the condition of accessories. Our objective in this study was to identify and

foi identificar e analisar os elementos que conferem empoderamento às personagens femininas dos desenhos animados de cinema do Século XXI. A metodologia constou de pesquisa documental e análise fílmica de catorze desenhos animados. Ficou evidenciada a diferença na construção do perfil feminino, projetando um empoderamento da mulher, que passa a revelar independência, determinação, força, questionamentos e ressignificação do seu papel e do seu lugar na sociedade.

Palavras-chave: desenhos animados; cinema; empoderamento feminino; século XXI.

analyze the elements that confer empowerment on the female characters of the 21st Century cinema cartoons. The methodology consisted of documentary research and film analysis of fourteen cartoons. The difference in the construction of the female profile was evidenced, projecting an empowerment of the woman, which reveals independence, determination, strength, questioning and resignification of her role and place in society.

Keywords: woman; cartoon; movie theater; female empowerment; XXI century.

1 E POR FALAR EM DESENHOS ANIMADOS...

Há 123 anos (em 1895), os irmãos Louis e Auguste Lumière aperfeiçoaram o cinetoscópio, criando o Cinematógrafo: era o nascimento do Cinema. A partir de então, personalidades dessa indústria poderosa vêm ditando moda, influenciando costumes e comportamentos, provocando e estimulando as inovações científica e tecnológica a partir de suas produções cada vez mais ousadas e surpreendentes, que fazem do cinema uma das maiores preferências da humanidade.

Embora os desenhos animados tenham surgido antes mesmo do cinema, foi a partir desse veículo que eles se popularizaram.

Os primeiros desenhos animados como conhecemos hoje surgiram apenas na década de 1910, no então cinema mudo e sem cores. Naquela época, a maioria das animações era de curta-metragem, geralmente visando a um público mais adulto, com piadas e roteiros para uma faixa etária mais elevada do que a dos dias atuais (Desenhos Animados, 2018, p. 01).

O Século XX marca, portanto, o ponto de partida da popularização dos desenhos animados no cinema, o que se deu, indubitavelmente, a partir das

superproduções dos estúdios americanos Disney, Warner, Paramount Pictures e Pixar, principalmente. “De acordo com site Box Office Mojo, especializado em cinema e bilheteria, dentre os 100 maiores sucessos cinematográficos de toda a história, 173 são animações, e todas estas norte-americanas” (Prado, 2017, p. 01).

Ao longo do século, uma série de títulos foi lançada, abordando em seus roteiros diferentes temáticas da vida cotidiana, seja satirizando-as, seja traduzindo-as em linguagem mais acessível à população através das suas cores e imagens, de modo a suavizar a apreensão de ideologias e padrões comportamentais (estereótipos) compatíveis ao pensamento dominante da época. Para isso, os desenhos animados servem muito bem, pois “permitem processar rapidamente a informação social e, tal como qualquer outra representação social, transformar as avaliações em descrições e as descrições em explicações” da realidade através da linguagem audiovisual que “transporta os estereótipos, influenciando, decisivamente, os processos de comunicação entre os indivíduos e entre grupos” (Baptista, 1996, p. 09). Com isso, “contagiando e contaminando nossa percepção de mundo, nossa apreensão visual e nosso processo de criação”, influenciando diretamente nosso “modo de ser, pensar e agir (Pillar, 2007, p. 665).

Embora as temáticas abordadas nos desenhos sejam as mais diversas, uma em especial nos inquietou a escrever este texto: o empoderamento feminino, um dos temas mais evidenciados na contemporaneidade em decorrência das lutas feministas e que também tem sido recorrente nos desenhos animados cinematográficos de nossos dias – o que confirma a função primeira dessas produções: relação direta com aspectos da realidade.

Se antes se objetivava com os desenhos animados satirizar ou comicizar a realidade a partir de personagens atrapalhadas e beirando ao ridículo para fazer o povo sorrir, no afã original do entretenimento, ou divulgar a manutenção de estereótipos, agora, parece-nos, o foco volta-se à ruptura de padrões, à quebra dos estereótipos tão fortemente veiculados no Século XX. Principalmente no que se refere à participação e protagonismo de personagens femininas nos desenhos animados que foram, durante décadas, parâmetros de identidade e de como a mulher deveria ser e se portar. Naquele contexto, os modelos

estéticos eram passados insistentemente personificando um ideal corporal e de beleza. Mas isso já não cabe mais, e os desenhos animados do cinema estão cada vez mais sugerindo “a formação de novos modos de compreender o mundo” (Boynard, 2002, p. 283).

Assim, pretendemos responder ao problema: de que forma se evidencia o empoderamento feminino dos desenhos animados do Século XXI? Destarte, objetivamos neste estudo identificar e analisar os elementos que conferem empoderamento às personagens femininas de desenhos animados de cinema do Século XXI.

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa documental (Gil, 2002), pois os filmes apresentados no referido estudo são tratados como documentos importantes e inspiradores para a reflexão sobre o papel social da mulher no Século XXI.

A abordagem é qualitativa (Andrade, 2020), pois privilegia as subjetividades, os significados, as questões comportamentais dos seres humanos, motivos, aspirações, valores e atitudes para investigar determinado objeto de estudo.

Para analisar os dados, adotamos a Análise Fílmica: inicialmente decompomos o filme a ser analisado, ou seja, descrevemos o fenômeno que ocorre no mesmo e que interessa ao objeto de estudo e, em seguida, estabelecemos as relações existentes através de uma interpretação do que compreende e desvenda o conteúdo do filme. O primeiro movimento está relacionado à descrição da imagem, do som, da estrutura do filme. Já o segundo movimento sugere explicar e/ou esclarecer o filme e interpretá-lo, identificando os elementos necessários à análise, bem como a articulação entre os mesmos (Penafria, 2009).

2 QUEREMOS FALAR SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO...

Neste estudo, a palavra **empoderamento** é compreendida como fortalecimento de pessoas ou grupos, no sentido de um “modelo de autorreconhecimento, através do qual as pessoas adquirem ou fortalecem seu sentimento de poder, de competência, de autovalorização e autoestima (Kleba; Wendausen, 2009, p. 738).

Ao nos remetermos ao empoderamento feminino, especificamente, estamos tratando da atuação da mulher no desenvolvimento de competências e habilidades que as capacitam a enfrentarem a realidade cotidiana com seus conflitos, contradições, interesses e poderes, assumindo uma ativa participação democrática e se inserindo nas tomadas de decisão política. Entendemos, portanto, “o empoderamento como verbo intransitivo (ação do sujeito), a qual está relacionada ao processo que o próprio indivíduo detém o controle de sua vida, tornar-se empoderado” (Leão; Soares-Correia, 2016, p. 7).

Isso requer uma mudança de mentalidade social, a partir do momento em que a mulher percebe as próprias forças, e assume um comportamento de autoconfiança, tornando-se senhora de si mesma e de sua história. Ao tomar o poder sobre a própria vida para si, as mulheres buscam “a garantia dos meios necessários ao combate aos estereótipos de que são objeto e a conquista de um status quo social que lhes permita defender e representar ideias e comportamentos na sociedade” (Caldeira, 2008, p. 20).

Esta lógica pareceria simplista e óbvia demais, não fosse um longo e perverso passado histórico que colocava a mulher como inferior ao homem numa sociedade excludente e opressora, que anulava sua subjetividade em detrimento da manutenção de uma ideologia machista e patriarcal. A mulher, até bem pouco tempo, era apenas concebida como fêmea, útero, “estado incompleto do homem por falta de qualidades”, como dizia Aristóteles, na antiguidade. Era sempre “subordinada, secundária, parasita. A grave maldição que pesa sobre ela está em que o sentido mesmo de sua existência não se encontra em suas mãos” (Beauvoir, 1980, p.210). Infelizmente, essa visão permaneceu e se disseminou por muito tempo:

No século XVIII a epistemologia da palavra “mulher” era vazia, sem qualquer significado próprio que não fosse o oposto vago do homem. O mundo havia passado por várias eras e transformações, contemplando a Idade Média, os filósofos e antropólogos do Iluminismo e os filósofos da antiga Grécia, no entanto não se avançou na

significância e valor no ser ou falar sobre as mulheres. Isso acontecia porque o princípio de alteridade (oposição sem necessidade de complementação) dominava as práticas e pensamentos humanos. Além disso, qualquer atividade externa às domésticas era extinta da presença feminina (Campos; Silva, 2014, p. 03).

É somente na segunda metade do Século XX, porém, que a forma de se conceberem as mulheres na sociedade começa a ser alterada, por conta das lutas que elas mesmas promovem, organizando-se como classe. Ou seja, as mulheres começam a se empoderar. Na década de 1950, explode a Revolução Feminista, período em que a ciência desenvolve a pílula anticoncepcional. Com isso, a mulher passa a decidir se quer ou não ter filhos, bem como começa a “questionar quais seriam outras possíveis decisões antes cabíveis exclusivamente aos homens, que agora poderiam ser também de sua responsabilidade” (Campos; Silva, 2014, p.03). Tudo isso impulsionou o movimento feminista que de modo algum preconizava a substituição do autoritarismo masculino pelo feminino; mas sim a afirmação e constante reafirmação de um estado de igualdade entre homens e mulheres nas ações e decisões sociais.

É na busca desta reafirmação que se dá o empoderamento, que de acordo com Bourdieu apud Emirbayer e Johnson (2008) consiste na aglutinação de valores do poder simbólico determinado pela autonomia e pela posição de dominador simultânea num mesmo indivíduo. (...) Bourdieu (1998) menciona que ter poder é especificamente mais difícil para as mulheres uma vez que historicamente e socialmente, o poder da autonomia está nas mãos dos homens (Campos; Silva, 2014, p. 05).

O feminismo brasileiro, em 1984, alcançou grande repercussão com a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), e a partir dele “foram surgindo grupos como o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), importantes e renomados para emplacar e fortalecer a luta por mais direitos para as mulheres” (Mendes; Vaz; Carvalho, 2015, p. 94). E as lutas não são poucas,

pois as mulheres são muitas. Diferentes entre si, negras, lésbicas, transexuais, queer, gordas, magras, indígenas... todas sofrem com o machismo estrutural, a misoginia e o sexismo, entretanto, para além dos preconceitos e discriminações que sofrem, há algo que as une: o ser mulher (Medici; Castro; Monteiro, 2017, p. 04).

Importante salientar que este ser mulher na atualidade “não é mais novidade sensacional”. Ela tem novas necessidades e emoções. É protagonista de sua própria vida, quer seja no trabalho, nas relações, em movimentos sociais, políticos, econômicos, culturais, artísticos, quer seja na ciência. Ela é vanguarda. Este novo tipo feminino que Kolontai (2009, p.69-70) denomina “mulheres celibatárias”, aqui denominamos empoderadas.

E concordando com Simone de Beauvoir (1980, p. 09) ao afirmar que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, as lutas pela afirmação e pela reafirmação de sua vez e voz na sociedade estão longe de acabar. Mas no Século XXI têm crescido e se fortalecido cada vez mais, adentrando em espaços importantes e de alta abrangência, como a política e, no caso específico deste estudo, no cinema. Através de personagens femininas empoderadas, a mensagem feminista de igualdade de direitos e condições tem sido divulgada. E a grande audiência dos desenhos animados, principalmente por crianças, tem fomentado novos paradigmas e comportamentos, conscientizando a sociedade da representatividade feminina e deixando claro para as meninas (e também para os meninos) que elas podem ser o que quiserem, principalmente senhoras de si mesmas e da própria história.

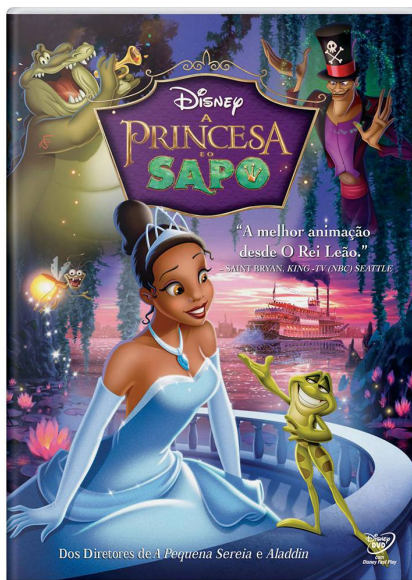
3 PERSONAGENS FEMININAS EMPODERADAS DOS DESENHOS ANIMADOS

Embora o Século XX tenha sido o nascedouro dos desenhos animados de cinema, suas produções praticamente não apresentavam personagens femininas como protagonistas empoderadas, autônomas ou líderes. Os papéis das super-heroínas geralmente estavam atrelados à parceria com personagens masculinos, sendo destes o destaque, o predomínio nas falas, o exemplo de conduta a ser seguido, o poder de controle e decisão, dentre outras características de liderança, poder e grau de importância. Portanto, às mulheres cabiam os papéis secundários ou menos relevantes, ainda que parecessem protagonizar as histórias.

No entanto, com a virada do milênio, muitas estereótipias foram socialmente questionadas, padrões foram derrubados e certos modelos deixaram de ser únicos, abrindo espaço para outros, ou foram suplantados. Grupos então tidos como minorias alcançaram visibilidade política e social, resultado de sua luta por representatividade, e fizeram emergir suas culturas e diversidades, contrapondo-se à ideologia hegemônica e homogênea que durante todo o Século XX se circunscrevia como única correta. E os desenhos animados de cinema não ficaram fora deste movimento. Ao contrário, reforçaram ainda mais o discurso emergente do empoderamento feminino, traduzindo-o a uma linguagem acessível à compreensão infantil e de rápida circulação, influenciando as crianças de hoje a compreenderem a realidade nascente e a modificarem a sociedade futura.

Ao final da primeira década do Século XXI, a Disney lança “A Princesa e o Sapo” (2009), conforme demonstra a Figura 01.

Figura 01 – A Princesa e o Sapo



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=RcfgWuO3KoyYwgTzo6z4CQ&q=a+princesa+e+o+sapo+capa&oq=a+princesa+e+o+sapo+capa&gs_l=psy-ab.3...11683.12486.0.12772.6.6.0.0.0.158.449.0j3.3.0...0...1c.1.64.psy-ab..3.2.289...0j0i10k1j0i10i30k1j0i8i10i30k1j0i24k1j0i10i24k1.0.IYqyqrXNiJo#imgc=5T5fV1iNbzmm3M

De origem pobre, a personagem Tiana é negra, tem cabelo cacheado – visível em algumas poucas cenas do filme, já que ela aparece praticamente o

tempo todo com as madeixas presas, mas sempre com cachinhos soltos emoldurando o rosto –, detém em sua personalidade predicativos fortes, como: determinada, batalhadora, persistente, sonhadora e otimista. Tiana tem grande noção da sua realidade, mas em momento algum se envergonha de ser quem é, mesmo convivendo com a desigualdade social personificada em Charlotte, a extravagante, exagerada e mimada moça loira e riquinha da trama. Durante todo o tempo, Tiana se mostra um ser humano muito melhor do que a “dondoquinha”¹, pois tem valores sólidos construídos na simplicidade do lar com seus pais.

Para Tiana, o “felizes para sempre” não se relacionava ao casamento com um príncipe, ela nem sequer pensava nisso. Seus sonhos a impulsionavam na conquista de sua felicidade, a qual seria proveniente de realização pessoal e de muito trabalho, por meio do próprio restaurante que almejava abrir. Mas, no curso natural da vida, o casamento também chega para ela.

Tiana não nasce princesa, mas se torna uma ao se casar com o príncipe Naveen, o qual, no início da história, é desajeitado, atrapalhado, imaturo e completamente “sem noção”. Devido a um feitiço, torna-se sapo, e acaba fazendo com que Tiana tenha o mesmo fim. Na busca incansável pelo retorno à forma humana, os dois sapinhos vão descobrindo as qualidades um do outro e se apaixonam. O príncipe reconhece a pessoa forte e admirável que é Tiana, sua perspicácia e inteligência, e vai aprendendo com ela a ser uma pessoa melhor, vai amadurecendo e descobrindo o real sentido e valor das coisas.

Tiana é uma mulher empoderada, e exerce grande liderança junto aos demais personagens do longa-metragem. É ela quem salva o príncipe o tempo todo, e de todas as formas. Independente, não se vale do novo título de princesa para viver no luxo às custas do marido. Tiana vai em busca do próprio sonho e abre seu restaurante, mantendo-se dona de si, pagando as próprias contas e proporcionando melhores condições de vida a sua mãe, que tanto trabalhou como costureira para criar a filha sozinha.

O novo tipo de mulher, que é interiormente livre e independente, corresponde, plenamente, à moral que elabora o meio operário no interesse de sua própria classe. A classe operária necessita, para realização de sua missão social, de mulheres que não sejam escravas.

¹ Expressão informal tipicamente brasileira usada para definir uma mulher que tem preferências fúteis ou que aparenta ser rica e mimada.

Não quer mulheres sem personalidade, no matrimônio e no seio da família, nem mulheres que possuam as virtudes feministas – passividade e submissão. Necessita de companheiras com uma individualidade capaz de protestar contra toda servidão, que possam ser consideradas como membro ativo, em pleno exercício de seus direitos, e, conseqüentemente, que sirvam à coletividade e à sua classe (Kolontai, 2009, p. 22).

Contexto mais realista, impossível! Tantas famílias negras e pobres vivenciam igual realidade em nossos dias para garantirem o sustento dos seus. A mãe de Tiana, viúva, batalha para não deixar faltar nada à filha, e lhe ensina valores essenciais para sua formação e dignidade. Tantas são as mães que também sozinhas enfrentam os reveses da vida para que seus filhos e filhas ergam a cabeça e alcancem seus sonhos... Percebe-se nitidamente de onde vem o empoderamento feminino revelado por Tiana.

“A Princesa e o Sapo” rompe com os padrões dos filmes da Disney em se tratando de personagens femininas. É a primeira produção em que a mulher realmente assume seu protagonismo, sem se deixar ofuscar pelos personagens masculinos. A personalidade e o visual fortes de Tiana em nada mais se assemelham às princesinhas da Disney, em maioria loiras, submissas, ociosas e de diminuída inteligência.

Esse mesmo desejo de descoberta de si e de domínio da própria história é o que move outra personagem: Rapunzel. Fechando a década, a Disney lança o filme “Enrolados” (2010), Figura 02.

Figura 02 – Enrolados



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=U8fgWt2AOo3T924CYDg&q=enrolados&oq=enrolados&gs_l=psy-ab.3..0j0i67k1I2j0i67k 1I3j0I3.3020652.3022128. 0.3022414.9.8.0.1.1.0.191.849.0j6.6.0....0...1c.1.64.psy-ab..2.7.857....0.O-qVO5MI2-l#imgrc=bY7KBruVP1siRM

Determinada, Rapunzel deseja a liberdade com seu espírito aventureiro. Resumindo: destemida! Rapunzel mantém o padrão físico das princesas da Disney do Século XX, com suas madeixas loiras, vestido longo e cor-de-rosa. Mas as semelhanças acabam por aí. Seus pés descalços durante a trama já revelam seu espírito livre, que não se deixa aprisionar, ainda que viva trancafiada numa torre pela bruxa que a criou, a personagem Gothel, conforme pode ser visto abaixo na Figura 03.

Figura 03 – Gothel



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=JNPgWq3uFoqhwgSMuJOYCA&q=gothel&oq=gothel&gs_l=psy-ab.3..0j0i67k1j0I8.808730.810610.0. 811025.6.6.0.0.0.153. 782.0j6.6.0....0...1c.1.64.psy-ab..0.6.779...0i10k1.0.4wixh7T8TWk#imgrc=kojL4EJ7U5pJiM:

Gothel sabia dos poderes mágicos dos cabelos de Rapunzel, principalmente o poder da eterna juventude. Por isso, escondia-lhe sua verdadeira história. Dona de longa cabeleira cacheada negra, e ostentando um longo vestido de veludo púrpura, que não escondem sua sensualidade, Gothel mantém-se bela ao longo da trama, divergindo do estereótipo da figura de bruxa de outras produções da Disney do século anterior. Inteligente e obstinada, ela cria estratégias e discursos dos mais diversos para manter Rapunzel sempre por perto, como fonte única e inesgotável de sua permanente beleza e juventude.

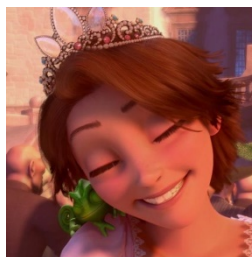
Entretanto, mesmo diante tão ardilosa influência, a adolescente não deixa seu espírito também aprisionado. Mesmo trancada a vida toda na torre, Rapunzel

não espera sentada o tempo passar. Ao contrário, ali desenvolve habilidades diversas pensando em usá-las quando sair da torre. Dentre essas habilidades, estão técnicas de defesa pessoal e segurança, contagem e marcação do tempo, e inventividade. Tanto é que o Flynn, mesmo com toda esperteza e perspicácia de “bandido”, acaba se tornando prisioneiro da Rapunzel. Em Flynn, a mocinha percebe a possibilidade da realização do seu sonho. Mas, em momento algum se percebe uma dependência entre ambos. Ela não depende dele: eles se tornam parceiros de aventura e, graças a seus poderes mágicos atrelados aos cabelos e à rapidez de pensamento, é Rapunzel que salva Flynn diversas vezes, tal como Tiana e Naveen, em “A Princesa e o Sapo”. Aguiar e Barros (2015) destacam que Rapunzel é uma princesa que também caminhou em oposição aos personagens mais antigos, pois, ao invés de ser salva pelo príncipe, ela é quem salva a vida dele.

Em relação aos poderes mágicos do cabelo de Rapunzel que nunca fora cortado, poder-se-ia fazer uma relação com o herói Sansão, personagem bíblico. Este, seduzido pela insinuante Dalila, revela que seu poder de força descomunal se encontra nos cabelos. Ela conta este segredo aos inimigos de Sansão, os Filisteus, e seu cabelo é cortado, ficando então enfraquecido.

Rapunzel também sabe que seu cabelo não pode ser cortado, sob pena de perder seus poderes. Mas, mesmo assim, ela mesma o faz, livre e conscientemente, para se livrar dos domínios de Gothel. Ao cortar os próprios cabelos (Figura 04), Rapunzel inicia sua libertação. Com o corte, os cabelos mudam de cor, tornando-se castanhos, e a jovem passa a se parecer bem mais com qualquer garota de sua idade. É assim que ela reencontra seus pais e assume seu posto devido de princesa.

Figura 04 – Rapunzel cabelo curto



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=JNPgWq3uFoqhwgSMuJOYCA&q=rapunzel+cabelo+curr

o&oq=rapunzel+cabelo+curto&gs_l=psy-ab.3..0i13k113j0i8i13i30k112.13363.22814.0.24088.33.28.0.5.5.0.166.3249.0j26.27.0....0...1c.1.64.psy-ab..1.30.3188.0..0j0i67k1j0i30k1j0i30k1j0i8i30k1.98.N8iUTA-JdXk#imgdii=aPPIfeoxZlIt7M:&imgcr=kotTMMRAggGG-M

Portanto, é perceptível que, neste desenho, Rapunzel representa a figura feminina que se encontra do mesmo modo atrelada a um padrão de independência e autonomia que a liberta dos tradicionais padrões comportamentais, pois a sua felicidade não está atrelada ao um príncipe encantado, já que seu maior sonho era a liberdade (Aguiar; Barros, 2015).

No mesmo ano, a Paramount Pictures lançava o 4º filme da série Shrek (Figura 05), intitulado “Shrek para sempre: o capítulo final” (2010).

Figura 05 – Shrek Para Sempre



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbn=isch&sa=1&ei=sdngWt-EC8K2wASUgb_1Q&q=shrek+para+sempre&oq=rshreck+&gs_l=psy-ab.1.3.0i13k1110.1796619.1800953.0.1802899.28.14.0.0.0.0.253.1909.0j8j3.11.0....0...1c.1.64.psy-ab..19.9.1613...0j0i8i13i30k1j0i67k1j0i30k1j0i19k1j0i13i10k1.0.DHt0pNhNdeo#imgcr=YxqO3C4MTiCM6M

Apesar do filme ainda ter o nome do Shrek, é justamente a Fiona a grande surpresa desse longa-metragem. Empoderada, a princesa ogra é uma guerreira determinada, líder de seu exército, inteligente e estrategista. Em nada se parece com a Fiona dos três filmes anteriores, toda delicada, mimada, arrumadinha, com sua trança e vestido impecáveis, totalmente ofuscada pelas performances do Shrek e do hilário Burro Falante. Em “Shrek para sempre”, Fiona aparece com os cabelos soltos e esvoaçantes, calçada com botas, conforme demonstra a Figura 06, não mais com sapatinhos de salto tipo boneca, veste um conjunto de saia e blusa de couro que deixam parte das pernas à mostra, bem como

demarcam seios e cintura, expressando sensualidade, força e resistência, além de usar acessórios também de couro, como bracelete, colar e cinto, e maquiagem realçando olhos e boca, evidenciando ainda mais o feminino dessa personagem empoderada que, inclusive, manipula armas de guerra com maestria.

Figura 06 – Fiona



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=fiona+em+shrek+para+sempre&rlz=1C1CHZL_ptBRBR751BR751&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjZi5LcxNnaAhULhJAKHVBYBIsQ_AUICygC&biw=1366&bih=662#imgrc=5XEhskZz40tg-M

É importante destacar, que ao longo do tempo, sempre houve a necessidade da mulher de atingir um ideal impossível de beleza, impondo-lhe o pesado ônus de buscar o inatingível, causando uma obsessão pelos padrões de beleza considerados socialmente aceitos em um determinado período, como destacam Aguiar e Barros (2015). Fiona traz uma beleza e um modo de se vestir que traduzem a sua real identidade e não se camufla atrás da concepção de beleza que é imposto pela sociedade. Para Moran, as mulheres devem ser “tão livres quanto os homens, por mais loucas, burras, delirantes, malvestidas, gordas, retrógadas, preguiçosas e presunçosas que sejam” (Moran, 2012, p. 68).

Sigamos para os desenhos animados de 2012: “Detona Ralph” (Figurta 07), da Disney, e “Valente” (Disney e Pixar).

Figura 07 – Detona Ralph



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=TJ_iWrHiK8SuwASFmqOIdg&q=detona+ralph&oq=detona&gs_l=psy-ab.1.0.0i5j0i67k1j0i4.404409.405453.0.407374.6.5.0.1.1.0.149.660.0j5.5.0....0...1c.1.64.psy-ab..0.6.669....0.2XTEVFvkPis#imgcr=_d6rDAVVY3ox_M

Em uma busca por uma medalha, Ralph se encontra com a pequena Vanellope (Figura 08), uma garota criativa, determinada, destemida, persistente e sonhadora que, por uma programação proposital de seu jogo, esqueceu que era uma princesa, e era considerada por todos como uma falha de sistema.

Figura 08 – Vanellope



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=5aDiWrPQN9GuwgTp1oKIDw&q=vanellope&oq=vane&gs_l=psy-ab.1.0.0i67k1i3j0i67k1i2j0i4.601262.603473.0.605403.16.10.0.0.0.0.181.732.0j5.6.0....0...1c.1.64.psy-ab..10.5.729.0...220.mC4d2PBYIjE#imgcr=_RWhP2TJP-gGCM

Dona de uma aparente rebeldia, Vanellope é vítima de um sistema político contra o qual precisa resistir o tempo todo. No entanto, vamos percebendo sua sensibilidade ao longo da trama, e sua maturidade evidenciada apesar da pouca idade não camufla sua personalidade infantil. Em Vanellope se percebe que o empoderamento feminino começa desde cedo: menina forte, brava e obstinada, em nenhum momento da trama revela características masculinas. Seja na vestimenta, nos acessórios do cabelo ou na linguagem, Vanellope evidencia sua feminilidade o tempo todo.

Mesmo reconhecendo a importância do filme “Detona Ralph” na temática do empoderamento feminino, é em “Valente” (Figura 09) que o assunto explode de vez.

Figura 09 – Valente



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=RaPiWtqVCMiZwgS_24jgBg&q=valente&oq=valente&gs_l=psy-ab.3..0110.288030.288997.0.289392.7.7.0.0.0.147.646.0j5.5.0....0...1c.1.64.psy-ab..2.5.644...0i67k1.0.65DR2brDNxQ#imgsrc=8QLqw1nQ4rKhoM

Merida é uma menina verdadeiramente Valente! Enquanto sua mãe, a rainha Elinor, tenta de todas as formas ensinar-lhe o padrão princesa, a adolescente busca insistentemente romper com a figura da mulher resignada, submissa e totalmente devotada ao marido, comum ao contexto medieval em que esta história se circunscreve.

Ainda que as produções cinematográficas estejam atentas às demandas sociais como temas em potencial a serem produzidos atendendo aos apelos de um público mais conectado com a ordem do dia, ou seja, o empoderamento feminino, nós analisamos conjuntamente que Merida, sem dúvida, é uma representação positiva que traz atravessamentos de geração, de gênero e de identidade política, quando decide romper com a tradição.

Pelo costume do Reino, os filhos dos líderes das tribos deveriam disputar em jogos a mão da princesa, firmando as alianças políticas. Para assistir à competição, enquanto a rainha veste a filha dos pés à cabeça, deixando apenas seu rosto à mostra, Merida (Figura 10), que não se conforma com tal tradição, apresenta à mãe uma série de questionamentos, alegando nem sequer ter sido consultada sobre se concordava com tudo o que estava prestes a acontecer, e que traria grandes impactos sobre sua vida.

Figura 10 – Merida



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ej=6KviWvuSGsGkwATiqq2QCQ&q=merida&oq=merida&gs_l=psy-ab..3..0I5j0i67k1j0I4.45690.46561.0.46916.6.6.0.0.0.165.679.0j5.5.0....0...1c.1.64.psy-ab..1.5.676....0.hPKVGULIYjY#imgrc=7ZjIRVqXDOtfoM

Durante os jogos, irônica, a princesa ridiculariza os pretendentes, julgando-os inaptos ao posto de seu companheiro. Então, num ato de total enfrentamento às tradições, a jovem desafia a mãe e os presentes lutando pela própria mão. Deixando as madeixas longas, ruivas e cacheadas à solta, e sustentando um olhar extremamente expressivo, a garota rasga as próprias vestes, rompendo literalmente as amarras que lhe aprisionam. Habilidade e perspicaz na lida com arco e flecha, a princesa humilha os candidatos, vencendo-os em sua performance de arqueira, mostrando-se muito melhor que qualquer homem ali presente.

Merida luta por si, por seus ideais, e acredita que, para isso, precisa mudar a mãe, perfeita personificação do conservadorismo. No entanto, é interessante observar o amadurecimento da princesa Valente ao longo da trama. Na tentativa de mudar a mãe, Merida acaba mudando a si mesma e aprendendo o real

sentido das tradições do seu povo. Ao mesmo tempo, seu objetivo é atingido, pois a mãe também muda seu modo de entender a realidade e de lidar com a própria filha, e ambas se descobrem muito mais parecidas do que imaginavam.

Enquanto Merida vai aperfeiçoando seu indomável espírito aventureiro pelo foco e autocontrole, a rainha, em sentido inverso, também vai abrindo mão daquele comportamento “impecável e exemplar”, e começa a experimentar as maravilhas da relação mãe e filha, a partir da simples convivência. Ao final, ambas estão transformadas, e exercem seu empoderamento a partir das próprias referências e valores.

Embora o filme ambiente-se em um contexto medieval, Merida é uma princesa dos nossos dias. Se tivesse aparecido no Século XX, seria censurada ou excluída das telas, por seu caráter insubordinado. Certamente, seria compreendida como mau exemplo, menina indisciplinada e desobediente. Mas não é! E ela surge justamente numa época em que as pessoas são capazes de concebê-la como empoderada, e de admirá-la por sua determinação, coragem e valentia.

Essas mulheres são algo novo, isto é, um quinto tipo de heroína desconhecida anteriormente, heroínas que se apresentam à vida com exigências próprias, heroínas que afirmam sua personalidade; heroínas que protestam contra a submissão da mulher dentro do Estado, no seio da família, na sociedade; heroínas que sabem lutar por seus direitos. Representam um novo tipo de mulher (Kolontai, 2009, p. 70).

Até sua mãe percebe que a relação conflituosa que mantinha com a filha se devia à concepção de vida e à personalidade forte de cada uma, nada tendo a ver com falta de amor ou desobediência gratuita. Quantos filhos de nossos dias questionam, desafiam e mesmo enfrentam seus pais na construção de sua personalidade, na defesa de suas subjetividades? E isso também não é ausência de amor ou desrespeito aos pais. E sim, apenas maneiras diferentes de convivência, quando comparadas a formas de educação mais convencionais.

Em “Valente” não há espaço para assertivas, como: “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Antes, este desenho animado mostra o tempo todo que as decisões podem e devem ser compartilhadas, dialogadas e tomadas coletivamente, em prol do bem comum, respeitando as diversidades, as

diferenças e as subjetividades. E que cabe às mulheres decidirem por si mesmas, sem interferências ou influências masculinas, como empoderadas que são, verdadeiras senhoras de si, independentemente da idade que tenham, simplesmente valentes!

Chegamos a 2013, e dois desenhos animados fazem sucesso no cinema: “Os Croods” (Figura 11), da Dream Works e “Frozen”, da Disney.

Figura 11 – Os Croods



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=aKTiWuXDBsqtwATyw4zgDQ&q=os+croods&osq=os+croods&gs_l=psy-ab..1.0.0i10.1914560.1915599.0.1918122.7.7.0.0.0.0.169.727.0j5.5.0....0...1c.1.64.psy-ab..2.5.722...0i67k1.0.RjQrCMCGK9o#imgsrc=sp0c7it40Q5VBM

Em “Os Croods”, toda a trama se desenvolve em torno dessa família que, unida, enfrenta dificuldades e desafios até compreender seu papel social. A sinopse destaca “um garoto muito imaginativo”: trata-se de Guy, um rapaz cheio de ideias e sonhos, que apresenta aos Croods outras possibilidades de vida. No entanto, tem grande destaque no filme a adolescente Eep, que não é tampouco citada na sinopse.

Numa clara associação à alegoria da caverna de Platão², a família vive ali trancada com medo do mundo exterior, sem conhecê-lo plenamente, apenas saindo da caverna para, vez ou outra, e bem rapidamente, buscarem alimento. A autoridade patriarcal é soberana, até que Eep (Figura 12) resolve sair da

² Ler na íntegra em: www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/203.pdf

caverna, movida por curiosidade, determinação e insatisfação com o sistema social em que está inserida. Se não fosse Eep, a família jamais teria conhecido o jovem Guy, não teria se arriscado a viver de modo diferente e, conseqüentemente, não teria experimentado a vida fora do ambiente insalubre, hostil e repetitivo da caverna.

Figura 12 – Eep



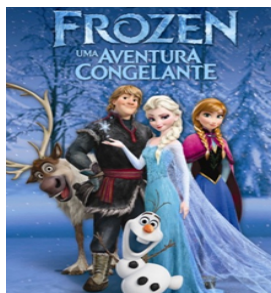
Fonte: https://www.google.com.br/search?q=eep&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj2_bGj_tnaAhWIDpAKHYggBdwQ_AUIDSgE&biw=1366&bih=662#imgrc=s9L6akuglXQibM

Com seus fartos cabelos castanhos crespos, corpo curvilíneo e de medidas exuberantes coberto por um curto vestidinho de couro, e expressivas sobrancelhas emoldurando seus olhos, a mocinha não deixa sua feminilidade passar despercebida. Forte, veloz, sensual, corajosa e disposta a romper padrões e amarras, Eep é também um belo exemplo do empoderamento feminino nos desenhos animados.

O antigo universo dos desenhos animados fazia de personagens como Eep uma representação a ser negada por diferentes grupos étnicos, especialmente os negros. Hoje a personagem ganha uma audiência expressiva considerando a diversidade de outros povos que passam a se reconhecer e se identificar positivamente e, principalmente, coloca em cena as meninas em fase de crescimento e de formação de suas identidades – agora empoderadas.

No mesmo ano fora lançado pela Disney um dos maiores fenômenos e sucessos de bilheteria do cinema mundial, o filme “Frozen: uma aventura congelante” (Figura 13).

Figura 13 – Frozen: uma aventura congelante



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=ptriWp7XNc74wASNvr2gCw&q=frozen+cartaz&oq=frozen+cartaz&gs_l=psy-ab.3..0j0i8i30k1.8543.9642.0.10313.7.7.0.0.0.0.176.851.0j6.6.0....0...1c.1.64.psy-ab..1.6.848...0i67k1j0i30k1.0.YLADNxZeE4s#imgcr=nsAdOiwbxgNo4M

A princesa Anna (Figura 14) é bem destemida! Mas não é somente essa a característica de mulher empoderada que ela tem, nem é só ela a representação do empoderamento feminino neste filme. Sua irmã, a rainha Elsa, também representa bem este conceito, principalmente a partir do seu clássico “*Livre estou*” (*Let It Go*), sua música tema. Analisemos essas duas interessantíssimas personagens separadamente.

Figura 14 – Anna



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=striWtWHJlf6wQS_yY2wBw&q=anna+frozen&oq=anna+frozen&gs_l=psy-ab.3..0i67k1j0i9.330678.332626.0.332928.11.8.0.3.3.0.130.985.0j8.8.0....0...1c.1.64.psy-ab..0.11.1013....0.sSrUzDYbu5A#imgcr=loD_1WveMXmG8M

Embora pareça ingênua, por se dizer apaixonada por um príncipe que acabara de conhecer, Anna sabe muito bem o que quer e se entrega livremente aos seus sentimentos e luta por aqueles a quem ama. Mesmo sofrendo na infância com a aparente rejeição da irmã, a princesinha nunca desistiu de se aproximar e de manifestar seu amor pela futura rainha. Jovem, na coroação da irmã, Anna enfrenta a rainha que se nega a abençoar a união da caçula com o príncipe desconhecido. Sua insubordinação em defesa dos próprios objetivos revela sua determinação, força e coragem. Anna é dona de si!

Diante do caos instalado no reino, Anna, contra tudo e contra todos, parte rumo ao desconhecido na busca de soluções para os problemas que assolam seu povo. Com bom humor e foco, negocia, argumenta, arrisca-se, mas não desiste.

Diante da Rainha Elsa (Figura 15), tenta persuadi-la para reverter a situação do reino, chegando a ser atingida pela irmã, em seu descontrole. Ainda assim, Anna, em ato de pleno amor, salva a vida da irmã, abrindo mão da sua. Ousadia, coragem, persistência e otimismo constituem o perfil da mulher empoderada que Anna é.

Figura 15 – Rainha Elsa



Fonte:https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_ptBRBR751BR751&biw=1366&bih=662&tbn=isch&sa=1&ei=ANziWvjdLMuFwgTqtreQCw&q=elsa+frozen&oq=elsa+frozen&gs_l=psy-ab..3..0j0i67k113j0j0i67k112j0l2j0i67k1.583184.584641.0.584816.5.5.0.0.0.163.596.0j4.4.0....0...1c.1.64.psy-ab..1.4.591...0i13k1.0.eOanXJnGTwo#imgrc=a2K4-GUVeazOIM

Quando criança, Elsa descobre seus poderes mágicos relacionados ao gelo. Os pais a orientaram a “*encobrir, não sentir, não deixar saber*”, conforme cantava como mantra durante os longos anos que passou reclusa em seus aposentos, assim como suas mãos aprisionavam-se em luvas para que os poderes permanecessem encobertos, ocultos. A jovem Elsa vai ser coroada

rainha, e ela teme que seu segredo seja descoberto. Então, escondendo-se em suas luvas, contém os próprios poderes, com os quais sempre conviveu, mas nunca soube como lidar.

Na festa da coroação, em virtude de uma discussão com Anna, a rainha acaba revelando a todos os convidados o seu poder. Assustada, foge, instalando um inverno tenebroso por onde passa. Longe de todos, Elsa se dá conta de que não precisa mais se esconder, nem usar luvas, nem conter seus poderes que, percebe, podem ser muito bonitos também. A rainha, então, empodera-se absolutamente, assumindo sua verdadeira identidade: *“Livre estou, livre estou, o frio não vai mesmo me incomodar!”* – canta, revela e assume Elsa.

A descoberta de si é tão marcante para Elsa, que a personagem muda por dentro e por fora: a rainha toda contida, passiva e bem comportada assume o controle da própria vida, expressa toda a sua beleza, feminilidade e sensualidade em sua personalidade forte, ativa e autônoma, literalmente livre!

Rainha da própria história, Elsa enfrenta inimigos e cria um exuberante castelo só para si. Ela se basta. Não precisa de um rei ao seu lado. Empodera-se, e faz valer seu empoderamento. No entanto, é capturada e acusada de traição, vivendo sob ameaças. É quando se reencontra com Anna, que salva sua vida. Elsa então entende que seu coração não é gelado, mas aquecido pelo amor que sente pela irmã, e que também dela recebe. Com isso, consegue salvar seu reino, e o governa tranquila e festivamente. Elsa é uma rainha sem rei. Seu amor verdadeiro não é dedicado a um homem, mas à própria irmã e ao doce Olaf, um boneco de neve que criou e deu vida. “Elsa assume o trono do reino, que aceita seus poderes, representando a única rainha da Disney que não tem um marido, o que denota o atual papel social da mulher, que prescindir da figura masculina para obter êxito e reconhecimento profissional e pessoal” (Aguiar; Barros, 2015). Elsa é uma mulher empoderada: feminina, líder, charmosa, criativa, inteligente e autossuficiente.

Já em 2015, estreia o longa-metragem “Divertidamente” (Figura 16), uma parceria entre os estúdios Disney e Pixar (2015).

Figura 16 – Divertidamente



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=divertidamente&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjz06aSjtvaAhWMPpAKHQ7aBWQQ_AUICigB#imgrc=DIVFrE6T9yzxIM

Um filme sobre as emoções e a formação da personalidade, uma verdadeira e interessantíssima aula de psicologia para as crianças. Mas, e o empoderamento feminino? Personificado na Alegria, o empoderamento é facilmente percebido. Liderando a sala de controle, Alegria é forte, criativa, destemida, sensível, doce e corajosa. Estrategista, faz de tudo para alcançar seus objetivos. Uma emoção cheia de vida, pulsando luz e energia o tempo todo, contagia as demais emoções com seu otimismo e positividade.

Alegria reconhece a importância das demais emoções com as quais convive (Nojinho, Tristeza, Raiva e Medo), mas se destaca entre elas, esforçando-se para fazer a vida de Riley mais feliz.

Chegamos a 2016, ano em que fora lançado o longa “Moana: um mar de aventuras” (Figura 17), da Disney.

Figura 17 – Moana: um mar de aventuras



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&tbm=isch&sa=1&ei=ZW_jWsvWKsWqwgStk6HIDQ&q=moana&oq=moana&gs_l=psy-

ab.3..0i10.543020.544525.0.545114.5.4.0.1.1.0.159.540.0j4.4.0....0...1c.1.64.psy-
ab..0.5.549...0i67k1.0.7JWr6m3gwCE#imgrc=QdkDinKgueOIEM

Mona é a filha do chefe da tribo Motunui, na Oceania, uma ilha tropical cujo povo valoriza os mitos, lendas e tradições. Desde muito pequena, Moana revela sua curiosidade, coragem, destreza e as habilidades de guerreira que um dia a farão líder da tribo. Tendo sido escolhida pelo próprio oceano, a jovem adentra o mar à procura de Maui, que lhe deverá devolver o coração de Te Fiti, uma pedra que o semideus roubara para presentear os humanos.

Mesmo sendo naturalmente uma princesa, Moana não se assemelha em nada às tradicionais altezas da Disney: negra, de longos cabelos pretos, soltos e cacheados, braços e pernas bem torneados, vive descalça, não se envolve em nenhum relacionamento romântico, adora se divertir e mantém-se determinada a alcançar seus objetivos. Suas roupas e bijuterias rústicas lembram produtos de artesanato, com tecidos naturais e sementes, integrando ainda mais sua imagem aos ambientes naturais que contextualizam a trama. Desse modo, a valorização da cultura e o pertencimento étnico são vislumbrados o tempo todo no filme.

Mas é mesmo a personalidade empoderada da Moana (Figura 18) que chama a atenção na história. A menina vai crescendo e, com ela, seu espírito de liderança, ousadia e determinação. Tudo isso sem perder sua essência, seus valores, o amor pela família e a suavidade encantadoramente feminina que lhe é peculiar.

Figura 18 – Moana



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR751BR751&tbm=isch&sa=1&ei=ZW_jWsvWKsWqwgStk6HIDQ&q=moana&oq=moana&gs_l=psy-ab.3..0i10.543020.544525.0.545114.5.4.0.1.1.0.159.540.0j4.4.0....0...1c.1.64.psy-ab..0.5.549...0i67k1.0.7JWr6m3gwCE#imgrc=PWpsBA7QCABWvM

Mesmo tendo baixa estatura, Moana é uma grande mulher. Em momento nenhum se deixa ofuscar pela presença de Maui, com todo seu tamanho e tatuagens mágicas. É ela que detém o poder de decisão; ela é senhora da própria vida. Portanto, uma personagem que representa bem o conceito de empoderamento feminino.

Chegamos a 2018, e temos o lançamento de “Os Incríveis 2” (Figura 19), mais uma produção da parceria de sucesso Disney/Pixar.

Figura 19 – Os Incríveis 2



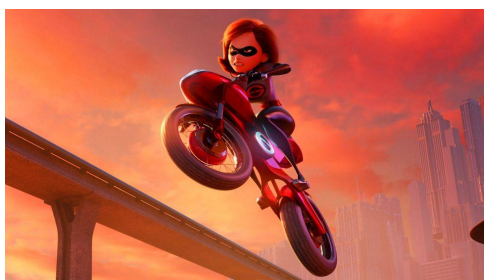
Fonte:<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://t3.gstatic.com/images?q%3DtbN:ANd9GcSIYTsyW6MWZfDO2CAIby62vX8tCgRo3ynh3hT3YWNSaa93t3l4&imgrefurl=http://t3.gstatic.com/images?q%3DtbN:>

Embora o filme desde a sua primeira versão tenha como perspectiva mostrar os superpoderes de uma família de heróis, quem detinha o poder de decisão era o pai, Roberto, o Sr. Incrível. Já em “Os Incríveis 2”, ocorre uma inversão de papéis socialmente instituídos: conforme anunciado na sinopse, quem tem a missão de salvar o mundo é a esposa Helena, a Mulher-Elástica, ficando o marido com a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos enquanto ela sai para trabalhar. Esta realidade configura a situação vivida cotidianamente

por muitas famílias que assim se organizam e se sustentam tendo a mulher como a provedora do lar.

Em “Os Incríveis 2”, tanto a super-heroína quanto a vilã são mulheres, e as personagens masculinas assumem o papel de coadjuvantes. Elas são destemidas, inteligentíssimas, perspicazes, audaciosas, além de muito bonitas, evidenciando o fato de que, mesmo diante das demandas e responsabilidades, não deixam de se cuidarem nem de manifestarem toda sua feminilidade. Com isso, este filme rompe com uma tradição nos desenhos animados, segundo a qual, “Em se tratando de figuras femininas heroicas, aparecem sempre em número reduzido, cercadas de cor-de-rosa ou vermelho, e com influência e poder menores que as personagens masculinas” (Andrade, 2012, p. 91). Helena não somente rompe com as questões políticas e sociais que tanto relegaram a mulher ao segundo plano assumindo o protagonismo do filme, como também traz a ruptura estética, saindo do tradicional vermelho que caracteriza a família e adotando um traje prateado que remete ao seu antigo figurino de solteira. Além disso, ela utiliza uma motocicleta de última geração e alta tecnologia que lhe confere um perfil futurista, descolado, empoderado, revelando que a mulher pode e deve dominar essas máquinas turbinadas tão marcantes no universo masculino, conforme demonstrado na Figura 20.

Figura 20 – Helena, a Mulher-Elástica



Fonte: https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbn=isch&sa=1&ei=tOlrW6rQGsw9wATdhp4CQ&q=mulher+el%C3%A1stica&oq=mulher+el%C3%A1stica&gs_l=img.3...210415.213523.0.213727.15.12.0.0.0.0.518.2034.2-2j3j0j1.6.0....0...1c.1.64.img..9.1.329...0j0i67k1.0.DwnPYm_HK30#imgsrc=EJ4urvDj1JsbSM

Durante a trama, não raras vezes, o Sr. Incrível deixa transparecer sua insatisfação por não ser o herói da vez. Mas é verdade também que ele reconhece a capacidade da esposa em administrar o lar, com suas incontáveis

e repetidas tarefas, além de cuidar sensivelmente dos dilemas e conflitos de três filhos em idades diferentes e ainda atuar como super-heroína. Ou seja, neste filme, a mulher empoderada tem seu objetivo maior atingido: condição de igualdade com o homem, de forma reconhecida e valorizada.

4 CONCLUSÕES DE MULHERES EMPODERADAS SOBRE AS PERSONAGENS EMPODERADAS

Este estudo reuniu um coletivo empoderado: quatro mulheres amigas, professoras, intelectuais, independentes, totalmente senhoras de si e de suas histórias. Quatro mulheres de origens e estéticas diversas, que atuam num espaço majoritariamente masculino, mas que não permitem serem corpos invisíveis, subalternizados, nem mesmo inviabilizados. Somos um grupo de mulheres que se insurgem no cotidiano, afirmando nosso compromisso com uma sociedade mais justa e igualitária.

Mulheres como tantas outras que se reconhecem nestas personagens femininas empoderadas que o mundo passou a conhecer e valorizar, e que a poderosa indústria cinematográfica tem se dedicado a divulgar, rompendo com ideologias e tradições culturais que protagonizavam os homens como heróis poderosos e relegavam às mulheres a condição de coadjuvantes.

Ficou evidenciado, a partir da análise dos desenhos animados de cinema do Século XXI, que ao longo dos anos há uma diferença na construção do perfil feminino, projetando um empoderamento da mulher. Foi perceptível uma nova era do protagonismo das princesas revelando independência, determinação, força, questionamentos e ressignificação da mulher na sociedade. Afinal, seja salvando o mundo, seja cuidando dos filhos, todas as mulheres manifestam seus superpoderes – porque são efetivamente empoderadas – todos os dias em suas casas, em seus trabalhos ou onde quer que estejam, mostrando que definitivamente lugar de mulher é onde quiser estar. Hoje, afirmamos, somos todas Tiana batalhadora, Rapunzel insubordinada, Fiona guerreira, Vanellope determinada, Merida valente, Eep curiosa, Anna destemida, Elsa livre, Alegria

otimista, Moana corajosa, Helena forte e, claro, somos todas Mulheres Maravilhosas!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eveline Lima de Castro; BARROS, Marina Kataoka. A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação do Papel Social da Mulher. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2. Jul. 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1959-1.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2018

ANDRADE, Carla Borges de. **1980/1990 – Infâncias seduzidas pelos desenhos animados**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

ANDRADE, Carla Borges de. **O meu corpo sou eu?** - Narrativas de cadeirantes sobre a construção da imagem corporal. (252f.) Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32651>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e Representação Social** – uma abordagem psico-sociológica. Coimbra, 1996. Disponível em: <[http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia %20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf](http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2012.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. 2. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BOYNARD, Ana Lúcia S. Desenho animado e formação moral: influências sobre crianças dos 4 aos 8 anos de idade. **Atas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO** – Volume IV, p. 283 a 290. Agosto de 2002. Disponível em: <<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

CALDEIRA, Bárbara Maria Santos. A Dimensão do Enfoque de Gênero no Programa Bolsa Família: ranços e avanços na promoção do empoderamento das mulheres nos municípios baianos. In: Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **3º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero**. Redações e artigos científicos vencedores – 2008. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008.

CAMPOS, Rafaella Cristina; SILVA, Késia Aparecida Teixeira. **Gênero e Empoderamento**: um Estudo Sobre Mulheres Gerentes nas Universidades. XXXVIII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 13 a 17 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_EOR269.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

DESENHOS ANIMADOS. **A história dos desenhos animados**. 2018. Disponível em: <https://desenhosanimado5.wordpress.com/a-historia-do-desenho-animado/>. Acesso em: 19 mar. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde Soc**. São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LEÃO, Gabriela Gomes; SOARES-CORREIA, Maria Joana Casagrande. Página mulheres empoderadas: um estudo sobre gênero e cultura. 2016. **RICFAMMA**. Disponível em: <revista.famma.br/unifamma/index.php/RIC/article/download/200/121>. Acesso em: 09 ago. 2018.

MEDICI, Júlia; CASTRO, Clariana; MONTEIRO, Tiago. O Futuro é Feminino: o Empoderamento Feminino por Meio da Música. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2270-1.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

MENDES, Raiana Siqueira; VAZ, Bruna Josefa de Oliveira; CARVALHO, Amasa Ferreira. O MOVIMENTO FEMINISTA E A LUTA PELO EMPODERAMENTO DA MULHER **Direito & Gênero**. Nº 03, Ano 2015. P. 88-99. Disponível em: <<file:///C:/Users/Carla%20Borges/Downloads/25106-57891-1-PB.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

MORAN, C. **Como ser mulher** – Um divertido manifesto feminino. São Paulo: Editora Paralela, 2012.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. **Anais eletrônicos...** Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 09 de ago. de 2018.

PILLAR, A. D. Arte, mídia e educação: produção de sentidos em textos sincréticos. In: RIGOTTI, Paulo. (Org.) **UNIARTE: textos escolhidos**. Dourados: UNIGRAN, 2008, v.1, p. 1-14.

PRADO, Laryssa Moreira. Primeiros Desenhos Animados nos Estados Unidos e no Brasil: Empoderamento Espectatorial e Feminino. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017.